

STROUD, Christopher; PRINSLOO, Mastin. *Language, literacy and diversity: Moving words*. New York: Routledge, 2015. 224p.

Resenhado por Joana Plaza Pinto¹
(Universidade Federal de Goiás – UFG)

Em seu famoso curso programático, Saussure afirmou que o que faz o objeto da Linguística é o ponto de vista. Esta declaração de fundação científica, que visava especificar o objeto de estudo, não apenas fundou os estudos da linguagem do século XX em gestos de extração, de restrição e de exclusividade (AGHA, 2007), como também expressou uma forte intuição como um lamento. As línguas são escorregadias, múltiplas, heterogêneas, sem fronteiras. Elas produzem e dependem de eventos sociais, políticos, econômicos, históricos. Tais eventos são eles mesmos eventos linguísticos que ocorrem na co-construção de práticas sociais, políticas, econômicas, históricas. Quando um evento deixa de ser linguístico para ser social? Ou histórico? Ou político? Não é linguístico porque é social? Ou é social porque é linguístico?

Essa impossibilidade de separar as línguas dos eventos humanos dos quais elas fazem parte é a deixa para se produzir um tipo de pesquisa de linguagem que pensa as línguas, no *continuum* das suas práticas orais e escritas, funcionando junto com as pessoas que as carregam como partes de suas práticas sociais, históricas, econômicas, políticas. É isso que tem a nos ensinar o livro *Language, literacy and diversity: Moving words*, organizado por Christopher Stroud e Mastin Prinsloo (New York: Routledge, 2015. 224p.).

O livro conta com onze capítulos e um posfácio que exploram a realidade dos movimentos de línguas e letramentos. Trata-se de uma obra instigante, que desafia nossas noções arraigadas de língua como objeto estático e de letramento como objeto autônomo. A palavra-chave para o desenvolvimento da obra é mobilidade. A ideia tradicional de que a mobilidade das línguas – e pessoas – deve ser corrigida como uma circunstância “acidental”, fora do ordinário, é substituída pelo desafio de abordar os fenômenos móveis que compõem nossas práticas linguísticas cotidianas, aquilo que os organizadores chamam de “lentes da mobilidade”.

Um dos argumentos importantes presentes em todos os capítulos é que as formas linguísticas viajam junto com as pessoas – não apenas em seus contatos face-a-face reais ou projetados, mas também em seus contatos cotidianos mediados pelas tecnologias de comunicação. Nessa mobilidade de línguas e pessoas, espaço e tempo são noções-chave que se desenvolvem ao longo de toda a obra. As viagens das línguas não são descoladas dos valores, códigos, expectativas, costumes dos locais

¹ Professora Associada da Universidade Federal de Goiás, Bolsista PQ-CNPq. E-mail: joplazapinto@ufg.br.

que as recebem ou que as enviam. Práticas sociais, econômicas, históricas e políticas são recombinadas e recalibradas nos diversos encontros entre repertórios linguísticos e textos viajantes. Ordens indexicais são confrontadas, negociadas e rompidas nos processos de movimento. Falantes em corpos móveis criam narrativas diaspóricas, redes de aproximação, encontros, assim como fofocas, distanciamentos e novas alianças. Escritas em telefones móveis, em paredes, em computadores, em mídias diversas, em tatuagens – são todas estratégias de mobilidade de línguas que participam das negociações dos cenários semióticos em que nos encontramos hoje.

Eu ousaria dizer que as autoras e autores do livro nada mais fazem do que prestar atenção aos fenômenos linguísticos em sua realidade. Mas isso é mesmo pouco? É o mínimo que deveríamos fazer como pesquisadoras e pesquisadores da linguagem. Ao invés de se apegarem aos conceitos estabilizadores construídos pela Linguística em sua forma de ciência normal do século XX, as autoras e autores da obra oferecem abordagens fluidas para materiais empíricos observados em eventos contemporâneos os mais diversos. De cartazes e placas oficiais na China aos intérpretes formais e informais no atendimento a migrantes no sistema de saúde na Bélgica, de escritas e discursos numa escola de ensino médio na África do Sul a um relatório de incidente numa fábrica na Nova Zelândia, passando por eventos orais e escritos diversos e diversificados em países da Oceania, Ásia, África e Europa, os capítulos exploram a justaposição, a mobilidade, a posicionalidade e as redes em jogo nas práticas linguísticas sob exame.

As tensões entre existências, letramentos e línguas móveis em locais específicos levam as autoras e autores a se perguntarem como palavras móveis viajam entre vários espaços, redes, escalas, tempos, posições, agências. Dinâmicas caóticas criam complexidades inesperadas. Em etnografias cuidadosas e críticas, com a atenção às novas e imprevisíveis categorizações incomensuráveis, as autoras e autores perguntam o que significam aquelas práticas linguísticas, como elas se sobrepõem, misturam e transpassam os múltiplos registros e repertórios escritos e orais.

Como apontam os organizadores, trata-se de uma obra com “atenção e comprometimento para explorar as implicações sociais das palavras móveis”, essa força que rompe, destrói e incomoda, mas que também está sempre lá, presente e imanente, reordenando e reorganizando de forma imprevisível.

Para isso, alguns conceitos são discutidos como alternativas aos modelos fixos tradicionais dos estudos de linguagem. “Espaço” e “tempo” são integrados à análise das práticas linguísticas e diferentes abordagens para a noção de “escala” são debatidas nos capítulos. “Recursos” e “repertórios” também são explorados como vocabulário teórico-analítico para entender as hibridizações que emergem na complexidade de eventos e comunidades. Nesse contexto, “trajetórias textuais” é uma categoria analítica muito importante para entender como tais recursos e repertórios se movem em interação heterogênea com processos fluidos, contingentes e momentâneos que

reordenam as práticas linguísticas. Essa atenção aos movimentos de línguas e corpos leva às noções de “ordens indexicais” e “regimes” – (meta)linguísticos, discursivos, corporais – que nos ajuda a repensar ideias sobre potencialidades e limites da agência política de sujeitos falantes nas mais diferentes contingências. Os contornos confortáveis das nossas análises fixadoras e estabilizantes são, assim, suspensos pelo reconhecimento das dinâmicas de línguas e letramentos nas ruas, locais de trabalho, salas de aula, publicidades, hospitais, comunidades de migrantes, e tantos outros locais sob análise nos capítulos.

A atenção aos momentos perturbadores na situação local dos encontros analisados é uma oportunidade etnográfica única de explorar a força da contradição nas contingências onde eventos, pessoas, línguas e letramentos se encontram de formas inesperadas. Assim, o livro privilegia o conflito e a contestação que produzem emaranhados e reordenações.

Essas práticas de “transculturação, crítica, colaboração, bilinguismo, mediação, paródia, denúncia, diálogo imaginário, expressão vernacular” em meio às histórias de “incompreensão, má compreensão, letras mortas, obras não lidas, absoluta heterogeneidade de sentidos” (PRATT, 1991, p. 40) são os pontos de onde os estudos presentes neste livro não perdem de vista. Eles oferecem o que Stroud (2015, p. 207) sumariza com o conceito de “turbulência”, “um conceito analítico para descrever contingências de encontros, bagunças e momentos perturbadores de interjunção disjuntiva”. Essa aparente contradição rompe com nossas arraigadas ideias de fixidez e promove uma metáfora ao mesmo tempo de mobilidade e de processos discordantes e competitivos, que produzem ordenações temporárias codificadas em inscrições e práticas móveis.

Entender a linguagem como mobilidade implica desafiar conceitos-chave da sociolinguística, do ensino de línguas, da política linguística. Quais as implicações de se pensar a língua como constituída pela mobilidade e construindo a mobilidade, em franca oposição aos conceitos de estabilidade, fixidez, homogeneidade, monolinguismo, purismo tão caros aos “pontos de vista” que fazem o objeto da Linguística desde Saussure? Certamente, algumas das ideias mais básicas dos estudos de linguagem são colocadas em suspeição. Ao invés de pensarmos em comunidade de falantes, temos certamente que ficar mais atentas às zonas de contato (PRATT, 1991), a noções complicadoras de escala, de hibridizações, de recursos multilíngues, de globalização e fragmentação, de mudança-em-continuidade.

Recebido em: agosto de 2017
Aprovado em: setembro de 2017
joplazapinto@ufg.br

AGHA, Asif. The Object Called “Language” and the Subject of Linguistics. *Journal of English Linguistics*, v.35, n.3, p.217-235, 2007.

PRATT, Mary Louise. Arts of contact zone. *Profession*, p. 33-40, 1991.

STROUD, Christopher. Afterword: Turbulent Deflections. In: STROUD, Christopher; PRINSLOO, Mastin. *Language, literacy and diversity: Moving words*. New York: Routledge, 2015. p. 206-216.